

ELEMENTOS PARA A HISTÓRIA DA ANTROPOLOGIA BIOLÓGICA EM PORTUGAL: O CONTRIBUTO DO MUSEU BOCAGE (MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL, LISBOA)

por

Hugo F. V. Cardoso*

Resumo: O Museu Bocage, designação oficial do Departamento de Zoologia e Antropologia do Museu Nacional de História Natural em Lisboa, desempenhou um papel importante no desenvolvimento da antropologia biológica em Portugal desde o seu começo. No entanto, a história dessa contribuição nunca foi devidamente abordada. Com antecedentes importantes ainda no século XIX, a antropologia biológica só se estabeleceu firmemente neste Museu no início do século XX com a doação de uma colecção privada de crânios e esqueletos identificados (Colecção Ferraz de Macedo) e com os trabalhos de investigação em osteologia humana de António Aurélio da Costa Ferreira. A ele seguiu-se Manuel Bernardo Barbosa Sueiro, igualmente como investigador no Museu Bocage, mas também, como professor da cadeira de antropologia na Faculdade de Ciências. Nos meados do século XX, Barbosa Sueiro destaca-se particularmente pela sua carreira de quase 50 anos e uma vastíssima obra. Com o incêndio de 1978 o Museu Bocage sofrerá uma quase completa destruição, incluindo a importante Colecção Ferraz de Macedo. O período mais recente da história da antropologia no Museu Bocage é marcado pela constituição de uma nova colecção de esqueletos identificados, sob direcção de Luís Alves Lopes, que cedo se tornou num espólio singular a nível mundial.

Palavras-chave: Antropologia biológica; Museu Bocage; História das ciências.

Abstract: The Bocage Museum, also Department of Zoology and Anthropology of the National Museum of Natural History in Lisbon, has contributed significantly to the developments of physical anthropology in Portugal, since the beginnings of the discipline. The history of such contribution, however, has never been properly approached. Despite important 19th century contributions, it was not until the early 20th century that physical anthropology was firmly established at the Museum. To this contributed the donation of a large private collection of identified skulls and skeletons (Ferraz de Macedo Collection) to the Museum and the scientific work of António Aurélio da Costa Ferreira in human osteology. Costa Ferreira's work at the Bocage Museum was followed by Manuel Bernardo Barbosa Sueiro, who was also anthropology professor at the Faculty of Sciences. In the middle 20th century, Barbosa Sueiro stands out as the most important anthropologist

* Departamento de Zoologia e Antropologia (Museu Bocage); Museu Nacional de História Natural · Rua da Escola Politécnica, 58 · 1269-102 Lisboa · e-mail: hfcardoso@fc.ul.pt · Telef. 213 921 823 · Fax. 213 969 784.

in the history of the Bocage Museum, due to his long career and vast work. By 1978 and due to a fire, the Museum suffered almost complete destruction, together with its collections, including the Ferraz de Macedo Collection. The new collection of identified skeletons amassed by Luís Alves Lopes represents a unique study material on an international scale and dominates the recent contributions of the Bocage Museum to physical anthropology in Portugal.

Keywords: Physical anthropology; Bocage Museum; History of sciences.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da antropologia biológica em Portugal acompanhou o curso da disciplina na Europa Ocidental, ainda que no nosso país as transformações tenham ocorrido por vezes de forma mais lenta e não totalmente sincrónica. Em alguns meios nacionais persistiram, mesmo até recentemente, conceitos, teorias e práticas desadequadas de uma perspectiva mais actual e global da antropologia, enquanto disciplina holística, e das suas sub-disciplinas. Durante décadas a antropologia praticada por Portugueses e outros europeus era fundamentalmente uma anatomia comparada de raças, onde a antropometria constituía uma ferramenta essencial para a classificação dos vários povos pré-históricos, históricos e modernos em tipos raciais e assim construir uma "história natural do homem". O estudo do esqueleto sempre desempenhou um papel muito importante neste propósito e, portanto, no desenvolvimento da disciplina. As preocupações de avaliação anatómica quantitativa e qualitativa cedo se estenderam ao esqueleto humano, com o objectivo de explicar a variabilidade morfológica de grupos humanos presentes e pretéritos, estabelecendo assim a posição natural do homem moderno, tanto em relação às formas humanas fósseis como em relação aos restantes primatas. São sobretudo as diferenças entre grupos humanos (raças) que são realçadas, tendo a investigação em antropologia física seguida uma perspectiva fundamentalmente descritiva e tipológica. A tipologia racial dominou a antropologia enquanto principal paradigma de investigação e as perspectivas metodológicas e teóricas da antropologia biológica só lentamente e a partir da segunda metade do século XX se modificaram com a introdução de uma abordagem populacional centrada em interpretações funcionais da morfologia humana.

O Museu Bocage não é excepção a este processo de desenvolvimento e é sobretudo à osteologia humana que a investigação nesta instituição ficará ligada. Desde a sua fundação que a investigação em antropologia biológica no Museu Bocage é praticamente sinónimo de investigação em osteologia humana. Ela tem resultado sobretudo do facto de terem existido neste Museu, e em dois momentos distintos, duas colecções de esqueletos identificados. O Museu Bocage é actualmente o departamento de zoologia e antropologia do Museu Nacional de História Natural em

Lisboa, que apesar do seu estatuto nacional encontra-se sob a tutela da Universidade de Lisboa. Para além do Museu Bocage, o Museu Nacional é formado por outros dois departamentos. Um é o Jardim Botânico ou departamento de botânica e o outro o departamento de mineralogia e geologia. Estes três departamentos, juntamente com o Museu de Ciência e o Instituto Geofísico do Infante D. Luís, ocupam o edifício que é vulgarmente conhecido como a "Politécnica". Aí esteve instalada a Escola Politécnica de Lisboa durante a maior parte do século XIX e a partir de 1911 passou a albergar a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Em 1985 a Faculdade mudou de instalações e todo o edifício da Politécnica passou a ser ocupado pelo Museu Nacional de História Natural, pelo Museu de Ciência e pelo Instituto Geofísico do Infante D. Luís. Ao primeiro ficou destinado o espaço da Faculdade que estava ocupado pelas ciências naturais (Zoologia, Botânica e Geologia) e ao segundo e terceiro o espaço ocupado pelas ciências exactas (Matemática, Física e Química).

Apesar de actualmente a antropologia biológica em Portugal se encontrar em expansão nas suas diversas áreas (ecologia humana, primatologia, etc), é no campo da osteologia humana que a sua história ainda se destaca. Apesar de não existir uma investigação exaustiva sobre a história da antropologia biológica no nosso país, alguns trabalhos têm procurado colmatar essa situação (ex. Cunha, 1982; Oliveira, 1997, Tamagnini & Serra, 1942). Este trabalho pretendeu, assim, apresentar uma resenha histórica do contributo dos investigadores do Museu Bocage e dos professores da Faculdade de Ciências de Lisboa até aos anos 80 para o desenvolvimento da antropologia biológica em Portugal. O texto encontra-se dividido em quatro partes principais que se referem a períodos de tempo delimitados com alguma arbitrariedade. Na primeira parte é feita uma breve referência às origens da antropologia biológica em Portugal. Logo de seguida é descrita a origem da disciplina na antiga Escola Politécnica, instituição que viria a ser a casa do Museu Nacional de História Natural e do qual faz parte o Museu Bocage, estando o período relativamente limitado ao século XIX. A terceira parte é dedicada ao maior período de tempo, desde que ao Museu Zoológico foi dado o nome de Museu Bocage até ao incêndio de 1978 que destruiu quase por completo o edifício da Politécnica. Por fim, a última secção é a mais breve e descreve os principais acontecimentos que se seguiram ao incêndio até sensivelmente aos anos 80.

ANTECEDENTES DA ANTROPOLOGIA BIOLÓGICA EM PORTUGAL

Até ao século XIX a investigação em antropologia biológica em Portugal não tinha ainda uma existência concreta, apesar de ser possível localizar alguns traba-

lhos incipientes antes deste período (ver Cunha, 1982; Oliveira, 1997). Foi fundamentalmente nos meados desse século, com a Comissão de Trabalhos Geológicos e com alguns os seus membros iniciais, que a antropologia biológica surge como disciplina científica em Portugal (Cunha, 1982; Oliveira, 1997; Sueiro, 1967). Esta Comissão foi criada em 1848 com o objectivo de efectuar vários estudos geológicos em Portugal, entre os quais descrever a qualidade dos solos, localizar jazidas mineiras e elaborar a carta geológica de Portugal. Mas foram apenas os membros da 2ª comissão criada em 1857: Carlos Ribeiro (1813-1882), Joaquim Filipe Nery Delgado (1835-1908) e Francisco António Pereira da Costa (1809-1889), que contribuíram com os primeiros estudos em antropologia. Ribeiro e Nery Delgado foram oficiais das forças armadas enquanto que Pereira da Costa foi professor na Escola Politécnica, tendo todos abordado nos seus trabalhos diversos aspectos da antropologia das populações arqueológicas e da evolução humana, estudando vestígios ósseos humanos. O seu interesse nesta área era, no entanto, secundário à sua investigação geológica e até mesmo arqueológica. É nesse contexto que todos eles são também considerados pioneiros da investigação geológica e arqueológica em Portugal. A contribuição destes autores para a antropologia e arqueologia destaca-se na organização sob a sua responsabilidade, do IX Congresso Internacional de Antropologia Pré-histórica e Arqueologia, em 1880 em Lisboa.

Dado o contexto relativamente periférico destes primeiros estudos, surgem nos finais do século XIX dois investigadores que se terão debruçado de forma mais aprofundada sobre os assuntos da disciplina e esses sim deverão ser considerados os verdadeiros fundadores da antropologia biológica em Portugal (Cunha, 1982). São eles Francisco de Paula e Oliveira (1851-1888) e Francisco Ferraz de Macedo (1845-1907). Paula e Oliveira, que foi também membro da 2ª Comissão de Trabalhos Geológicos, destacou-se sobretudo nos trabalhos pioneros que efectuou sobre o espólio osteológico humano da estação Mesolítica dos concheiros de Muge (Oliveira, 1881, 1888), que escavou juntamente com Carlos Ribeiro. A influência de Paula e Oliveira ficou, no entanto, marcada por uma carreira muito curta, e de onde se destacam ainda trabalhos importantes como o estudo do espólio osteológico das grutas artificiais da Alapraia em Cascais ou da necrópole visigótica de Alcoitão, também em Cascais (Oliveira, 1889).

Ferraz de Macedo foi um pouco mais prolífico e com uma carreira mais longa. Quando jovem emigrou para o Brasil onde estudou e exerceu medicina tendo regressado a Lisboa em 1881 para se dedicar a estudos antropológicos. Foi aluno da Escola de Antropologia em Paris, onde estudou com Paul Broca e onde se terá sido provavelmente inspirado para a constituição da colecção osteológica identificada privada que viria a ter em sua casa e que foi estudando ao longo da vida (Macedo, 1887, 1888, 1900a). Esta colecção foi iniciada em 1882 com a recolha de crânios

nos cemitérios de Lisboa e terá sido finalizada por volta de 1889¹ com cerca de mais de um milhar de crânios e de duzentos esqueletos completos (Ferreira, 1908). O autor numa obra de 1882 (Macedo, 1882a) descreve as fases iniciais desse processo. Ferraz de Macedo terá ocupado ainda parte considerável dos seus interesses à antropologia criminal, actividade que exerceu para o Ministério da Justiça, tendo dedicado alguns livros a esse assunto (e.g. Macedo, 1892, 1900b). Interessou-se ainda por questões do povoamento pré-histórico e evolução das populações humanas da América (Macedo, 1882b), interesse que deve certamente à sua longa estadia no Brasil, e da presença de povos pré-históricos em Portugal (Macedo, 1893).

Dois contemporâneos de Paula e Oliveira e Ferraz de Macedo estão ainda associados aos primeiros passos da antropologia biológica em Portugal. A Bernardino Machado (1851-1944) deve a criação da primeira cadeira de antropologia numa universidade portuguesa, em Coimbra no ano de 1885 (Cunha, 1982; Oliveira, 1997; Tamagnini & Serra, 1942). Pela mesma altura e no Porto, Artur de Fonseca Cardoso (1865-1912), um militar com interesses antropológicos, dedicou-se ao estudo antropométrico do povo Minhoto durante os anos 90 do século XIX (Cardoso, 1898) e posteriormente dos “indígenas” da Índia Portuguesa (Cardoso, 1897).

De todos os nomes mencionados acima, apenas dois estão associados ao Museu Bocage e ambos de forma indirecta. Pereira da Costa foi professor da Escola Politécnica, instituição que viria a ser a casa do Museu Bocage nos anos subsequentes; e Ferraz de Macedo que, apesar de nunca ter estado directamente envolvido em actividades de investigação no Museu ou docência na Escola Politécnica, viria a oferecer a esta instituição a sua colecção osteológica.

A ANTROPOLOGIA NA ESCOLA POLITÉCNICA DURANTE O SÉCULO XIX

Os antecedentes da antropologia biológica no Museu Bocage remontam à Escola Politécnica de Lisboa no século XIX. Esta instituição foi criada em 1837 para servir a formação científica dos oficiais e engenheiros das Forças Armadas Portuguesas (Almaça, 2000; Cunha, 1937). A ela veio mais tarde (1848) juntar-se o Museu de História Natural da Academia das Ciências, tendo passado a designar-se

¹ O ano de finalização das recolhas para a colecção Ferraz de Macedo é considerado 1889 por duas razões. Em primeiro lugar, no livro de medidas craniométricas elaborado Ferraz de Macedo as mensurações mais recentes de crânios da sua colecção datam de 1889. Em segundo, de acordo com o mesmo livro os crânios mais recentes pertenceram a indivíduos falecidos em 1882 o que significa que, respeitando o período legal de 5 anos para exumações em sepulturas temporárias, não puderam ser recolhidos dos cemitérios antes de 1887.

o conjunto por Museu Nacional de Lisboa, então composto pela secção de zoologia e de mineralogia (Almaça, 2000; Cunha, 1937). A antropologia começou desde cedo a ser ensinada na Escola Politécnica, ainda que as matérias estivessem integradas numa cadeira de âmbito mais geral que foi a 8ª cadeira – Anatomia Comparada, Fisiologia e Zoologia (Cunha, 1937; Janeira, 1987). A 8ª cadeira na Escola Politécnica teve como lente na sua criação (1851) José Vicente Barbosa do Bocage (1823-1907) (Almaça, 2000). Foi, no entanto, através de Francisco António Pereira da Costa que a Escola Politécnica contribuiu de forma pioneira para os estudos de antropologia biológica. Pereira da Costa era médico de formação e desempenhou funções docentes da Escola Politécnica enquanto regente da cadeira de geologia e mineralogia. Foi autor do primeiro estudo português sobre esqueletos humanos: *“Da existência do Homem em épocas remotas no vale do Tejo”* (Costa, 1865). Este estudo, apesar de tudo, é um trabalho de época onde são discutidos os caracteres “raciais” dos esqueletos recuperados da estação Mesolítica do *“Cabeço da Arruda”* (Muge, Salvaterra de Magos), numa tentativa de os integrar numa perspectiva da *“história natural do homem”* tão característica da antropologia desse período. A publicação apresenta e descreve ainda os vestígios arqueológicos e zoo-arqueológicos recuperados da mesma estação.

Em 1880, Barbosa do Bocage foi substituído como lente para a 8ª cadeira por Eduardo Burnay (1853-1924) outro professor com interesses académicos na antropologia. Burnay começou por ser professor de química na Escola Politécnica mas tinha, à semelhança de quase todos os docentes, formação em medicina, tendo exercido em instituições como o Hospital de São José em Lisboa ou a Santa Casa da Misericórdia da mesma cidade. Para ser aceite como regente da 8ª cadeira Burnay (1880) apresentou a tese *“Da craneologia como base da classificação antropológica”*, trabalho que representou a única contribuição para estudos de antropologia que se conhece deste investigador. A tese de Eduardo Burnay difere do estudo de Pereira da Costa pois resultou de uma pesquisa documental e bibliográfica, focada sobre questões de classificação e tipologia racial com base na antropometria do crânio. Ao contrário de Pereira da Costa, o trabalho de Burnay não se debruça sobre outros aspectos que não a antropologia e, é nestas circunstâncias, que pode ser considerado como o primeiro estudo “puramente” antropológico publicado por um académico da Escola Politécnica. Apesar de não se conhecerem mais trabalhos científicos deste autor sobre questões de antropologia, não deixa de ser curioso verificar que as mesmas permaneceram presentes nos seus interesses, como é claramente demonstrado pelas longas discussões públicas sobre questões de evolução humana, que manteve com o seu contemporâneo, o conhecido historiador Oliveira Martins (Almaça, 1995). Burnay foi regente da 8ª cadeira até 1891, ano em que Baltazar Osório foi nomeado para essa posição.

Pela mesma altura, Francisco de Arruda Furtado (1854-1887), um contemporâneo de Burnay, deu também o seu contributo para os estudos em antropologia biológica. Arruda Furtado era Açoriano e foi nomeado adido à secção de zoologia do Museu Nacional de Lisboa em 1881. Naturalista especializado em Moluscos, manteve correspondência com Charles Darwin sobre diversas questões de biologia insular e evolução. Ainda nos Açores Furtado publicou um pequeno livro intitulado “*O Homem e o Macaco*” (Furtado, 1881) que representa uma primeira tentativa de explicar e divulgar a evolução humana à luz da, então, nova teoria evolucionista de Darwin. Terá publicado ainda vários trabalhos que se debruçavam sobre questões variadas da antropologia (ver Arruda, 1994). A sua obra antropológica mais importante terá sido o estudo que efectuou sobre os habitantes da ilha de São Miguel (Furtado, 1884): “*Materiaes para o Estudo Anthropologico dos Povos Açorianos. Observações sobre o Povo Michaelense*”. Recolhendo vários tipos de dados antropométricos e sócio-culturais dos habitantes da ilha, Furtado procurou explicar e classificar as características psicológicas, culturais e físicas destes Açorianos. Este foi, provavelmente, o primeiro estudo no vivo realizado em Portugal no âmbito da antropologia biológica, e é deste modo que se deve colocar, também, Arruda Furtado entre os pioneiros da disciplina em Portugal. No entanto, à semelhança de muitos seus contemporâneos, a antropologia permaneceu sempre secundária aos seus interesses.

A ANTROPOLOGIA NO MUSEU BOCAGE ATÉ 1978

Em 1905 a secção de zoologia do Museu Nacional de Lisboa, que se encontrava anexo à Escola Politécnica, passou a ser designada oficialmente de Museu Bocage em homenagem a José Vicente Barbosa du Bocage. Pouco tempo depois, em 1911, com a re-instalação da Universidade de Lisboa, a Escola Politécnica e os seus Museus foram incorporados na Faculdade de Ciências (Cunha, 1937). Foi neste período que foi criada a cadeira de antropologia, necessidade que vinha a ser certamente sentida e à qual não deve ter sido alheia a doação por parte de Ferraz de Macedo ao Museu Bocage da sua colecção osteológica, antes da sua morte em 1907 (Ferreira, 1908). Esta colecção viria depois a ser conhecida e designada como Colecção Ferraz de Macedo, tendo desempenhado um papel capital nos desenvolvimentos da antropologia biológica do Museu. Dado que esta colecção foi quase totalmente destruída no incêndio de 1978, que destruiu parte significativa do edificio da Politécnica, não se sabe exactamente qual a sua extensão. De acordo com as fontes mais citadas (Almeida, 1954; Sueiro, 1967; Olivier & Almeida, 1972) o material da colecção Ferraz de Macedo era constituído por 1000 crânios e 200 esqueletos completos

identificados. No entanto, apesar do livro de medidas craniométricas elaborado por Ferraz de Macedo ter sobrevivido e nele se contarem as mensurações de 1000 crânios, o cruzamento de outras fontes (Ferreira, 1908; Sueiro & Vilela, 1943) permitiu determinar uma extensão maior para a colecção, pelo menos em períodos mais antigos. De facto, quando a colecção estava ainda na posse de Ferraz de Macedo parece ter contido mais de 1200 crânios e de 300 esqueletos completos (Ferreira, 1908). É possível que a colecção não tenha sido doada ao Museu na sua totalidade ou, por razões desconhecidas, o seu número tenha diminuindo ao longo do tempo, tendo-se reduzido a 849 crânios por altura do incêndio de 1978 (Masset & Almeida, 1990). Hoje sobrevivem apenas cerca de 40 crânios da mesma colecção entre outros elementos pós-cranianos dispersos. Em relação ao ensino da antropologia, o primeiro docente da recém criada cadeira foi Baltazar Machado da Cunha Osório (1855-1926) (Cunha, 1982; Almaça, 2000) cargo que manteve até 1926. No entanto, Baltazar Osório não tinha interesses de investigação nesta área tendo-se debruçado, enquanto naturalista, fundamentalmente sobre questões zoológicas, nomeadamente no estudo de invertebrados e peixes marinhos.

Em 1919, o Museu Bocage passou oficialmente a secção de zoologia e antropologia do Museu Nacional de Lisboa e anexo à Faculdade de Ciências², onde começou a desempenhar um papel fundamental na investigação e ensino da zoologia e antropologia. A mudança de nome atesta claramente a importancia que a antropologia passou a desempenhar nesta instituição. Apesar de até ao início do século XX vários investigadores e professores se terem dedicado a estudos antropológicos, foi apenas com António Aurélio da Costa Ferreira (1879-1922) que o Museu Bocage conheceu o seu primeiro investigador com formação em antropologia. Costa Ferreira foi contratado em 1919 como naturalista à secção de antropologia e apesar da sua educação base em medicina e do seu extenso trabalho enquanto pedagogo e pediatra, foi aluno de Bernardino Machado na cadeira de antropologia na Universidade de Coimbra. Em Lisboa dedicou boa parte da sua investigação à antropologia, nomeadamente à antropologia do esqueleto, onde estudou exaustivamente a colecção Ferraz de Macedo (Ferreira, 1899, 1900a, 1900b, 1915, 1920a). Desenvolveu ainda trabalhos sobre os restos mortais de personalidades históricas portuguesas entre as quais os de Luís de Camões (e.g. Ferreira, 1912) e muitos outros estudos sobre questões de psicologia e pedagogia infantis (Ferreira, 1920b, 1922).

Apesar das suas elevadas competências em antropologia, Costa Ferreira nunca foi contratado como docente para a cadeira de antropologia na Faculdade de Ciências. Dado que o Museu Bocage estava anexo à Faculdade de Ciências, alguns dos

² Decreto nº 5689 de 10 de Maio de 1919.

discípulos de Costa Ferreira, nomeadamente o conhecido médico e anatomista Vitor Fontes (1923), consideravam que o entusiasmo e experiência de Costa Ferreira nunca foram seriamente capitalizados pela instituição para a docência da cadeira de antropologia. Ao contrário do que seria de esperar, a Faculdade de Ciências manteve como professor de antropologia, durante toda a permanência de Costa Ferreira no Museu Bocage, um naturalista de orientação zoológica (Baltazar Osório). Por outro lado, como médico Costa Ferreira foi nomeado assistente da cadeira de anatomia da Faculdade de Medicina em 1917 e depois professor de anatomia antropológica na mesma Faculdade em 1921. Apesar da morte prematura em 1922, a sua obra nas áreas da pedagogia e pediatria grangearam-lhe postumamente o nome de uma instituição criada em 1929, dedicada à orientação de crianças de idade escolar com dificuldades de aprendizagem e atrasos de desenvolvimento, e para formação de técnicos especializados no acompanhamento destas crianças: o “*Instituto de António Aurélio da Costa Ferreira*”. Hoje este instituto tem a denominação de “*Instituto de Inovação Educacional*” (criado em 1993) e tem objectivos mais abrangentes. Infelizmente, o nome de Costa Ferreira foi praticamente esquecido, tanto no contexto da antropologia como do próprio Museu Bocage. O seu trabalho pretendeu oferecer um cunho mais sério à investigação em antropologia e a sua influência apenas não foi mais decisiva dado seu desaparecimento precoce. É através dele em 1918 que a personagem mais influente da antropologia no Museu Bocage, Manuel Bernardo Barbosa Sueiro, começa os estudos com a colecção Ferraz de Macedo. Uma vez que Costa Ferreira se manteve afastado do ensino da antropologia, foi Baltazar Osório o regente da cadeira de antropologia até 1926, tendo como seu assistente o médico e naturalista Júlio Guilherme Bettencourt Ferreira (1866-1950). Fernando Frade Viegas da Costa (1898-1983) substituiu Baltazar Osório como professor de antropologia num breve período em 1923 e depois passou definitivamente a regente entre 1926 e 1940 (Sueiro, 1967). Viegas da Costa era também um zoológo, tendo-se destacado como especialista em biologia, sistemática e anatomia de tunídeos (atuns). No entanto, juntamente com Bettencourt Ferreira e Amélia Bacelar, Viegas da Costa produziu o único trabalho de antropologia que se conhece de qualquer um destes autores (Ferreira *et al.*, 1922).

Manuel Bernardo Barbosa Sueiro, o estudante de medicina que em 1918 tinha iniciado estudos com a colecção Ferraz de Macedo por intermédio de Costa Ferreira, foi nomeado assistente de Viegas da Costa em 1925, posição que manteve até 1940. A partir desta data e até 1961 passou a responsável pela cadeira de antropologia na Faculdade de Ciências de Lisboa sempre como assistente (Sueiro, 1950; Sueiro, 1967). Apesar da sua carreira em antropologia, Sueiro foi principalmente médico e anatomista. Na Faculdade de Medicina começou a sua carreira como assistente para a cadeira de anatomia em 1914. Teve uma longa carreira nessa instituição, que

terminou com a sua jubilação em 1964 como regente da mesma cadeira. Barbosa Sueiro foi também professor de antropologia criminal e foi ainda antropólogo no Instituto de Medicina Legal entre 1949 e 1960 (Almaça, 2001; Mendes, 1965). A sua investigação em antropologia e anatomia foi bastante extensa, tendo publicado mais de 300 obras nessa área (Moura, 1999), tendo a maior parte delas focado aspectos diversos da anatomia do esqueleto humano (e.g. Sueiro, 1926, 1930, 1945; Sueiro & Vilela, 1945; Sueiro & Fernandes, 1948-49). A maior parte das suas investigações estavam ainda largamente suportadas por observações feitas sobre a colecção Ferraz de Macedo. Barbosa Sueiro teve também vários dos seus trabalhos citados em importantes manuais de anatomia e antropologia da época, tal como o "*Traité d'Anatomie Humaine*" de A. Latarget e S. Testut, assim como o "*Lehrbuch der Anthropologie*" de R. Martin (Almaça, 2001). São ainda de Barbosa Sueiro as primeiras publicações portuguesas sobre questões de paleopatologia (ver Santos, 1999/2000).

Dada a sua longa carreira em antropologia (1918-1961) e a sua extensa obra publicada como assistente de antropologia no Museu Bocage, Sueiro pode ser considerado o contribuidor mais importante para estudos de antropologia biológica no Museu Bocage. No entanto, apesar da sua extensa contribuição, o vazio criado com a sua jubilação e a falta de alunos interessados em prosseguir estudos nessa área determinaram a interrupção momentânea do ensino e da investigação em antropologia. Uma das razões para este vazio encontra-se certamente no facto de a carreira de Barbosa Sueiro, como antropólogo no Museu Bocage, ter sido sempre secundária. As suas deslocações ao Museu Bocage estavam sobretudo relacionadas com as aulas que leccionava na Faculdade de Ciências e nunca aí dedicou tempo significativo à investigação. Enquanto professor de antropologia, Barbosa Sueiro beneficiou ainda no final da carreira do auxílio de Artur Vianna Fernandes (1903-1964). Médico de formação, Vianna Fernandes foi assistente para as aulas práticas e colaborou com Barbosa Sueiro em diversos trabalhos de antropologia (e.g. Sueiro & Fernandes, 1936-37, 1948-49).

Juntamente com Artur Ricardo Jorge, Barbosa Sueiro e outros colaboradores terão organizado a vertente antropológica da participação do Museu Bocage na Exposição do Mundo Português em 1940. Essa participação parece ter-se resumido à realização de exames antropométricos e somatológicos (Jorge & Sueiro, 1942) que foram efectuados sobre alguns membros da nobreza de tribos Angolanas (p.ex. Muchicongos e Sossos) e Moçambicanas (p.ex. Ba-chopes e Makondes) e que se encontravam presentes na exposição. Ainda que hoje o tipo e formato desta exposição sejam largamente questionáveis, senão mesmo reprováveis, na época ela inseria-se claramente numa perspectiva antropológica de classificação "racial" da humanidade e de documentação da história natural do homem, onde os elementos destes grupos africanos se inseriam, claramente, como representantes de fases mais "primitivas" da evolução humana.

No período final da carreira de Barbosa Sueiro é interessante mencionar ainda o nome de José Antunes Serra (1914-1992), director do Museu entre 1957 e 1965 que, apesar do seu extenso currículo em antropologia biológica (ex. Serra 1938, 1941) adquirido no Instituto de Antropologia de Coimbra, nunca dedicou o seu tempo a esta área enquanto em Lisboa. De facto, José Antunes Serra viria a abandonar a antropologia por completo, tendo dedicado os últimos anos da sua carreira à genética e à citologia (Vicente, 2001). Publicou em três volumes um livro de texto universitário em inglês sobre genética, muito divulgado e cuja publicação começou em 1965 (Serra, 1965). Antes de se reformar, trabalhou ainda na Junta Nacional de Produção Pecuária em genética de melhoramento animal.

O ensino da antropologia terá sido suspenso temporariamente depois de Barbosa Sueiro, tendo sido retomado por um breve período de tempo por Germano da Fonseca Sacarrão (1914-1992) e depois por Carlos Almaça até 1969. Sacarrão foi director do Museu Bocage nas décadas de 60 e 70 e um zoólogo especializado em embriologia e histologia, sobretudo de cefalópodes, mas os seus interesses versavam muitas áreas, entre as quais se contavam a ornitologia, a ecologia, a evolução ou a antropologia. A maior parte das suas reflexões sobre antropologia e evolução humana foram publicadas em dois livros dirigidos ao público em geral (Sacarrão, 1989, 1991). Carlos Almaça, substituiu Germano da Fonseca Sacarrão na direcção do Museu Bocage, e é, à data da elaboração deste trabalho, professor jubilado da Faculdade de Ciências de Lisboa. A sua obra científica tem versado sobretudo aspectos da história da biologia, evolucionismo e ecologia e conservação de vertebrados, particularmente peixes dulçaquícolas.

A cadeira de antropologia só voltou a ser leccionada por alguém mais vocacionado para a antropologia com a nomeação de Maria Emília de Castro e Almeida como assistente na Faculdade de Ciências, cargo que acumulou a tempo parcial com o de investigadora na Junta de Investigação do Ultramar. Esta investigadora é filha do conhecido antropólogo António Almeida, que se dedicou ao estudo antropológico dos povos nativos das então colónias portuguesas, principalmente de Angola. Deu início à sua actividade docente para a cadeira de antropologia em 1966, onde começou por leccionar as aulas práticas, e em 1976 retirou-se do mesmo cargo, tendo voltado a tempo inteiro para a Junta de Investigação do Ultramar. A reforma deste instituto levou à criação do Instituto de Investigação Científica Tropical onde Maria Emília de Castro e Almeida foi ainda responsável pelo Centro de Antropobiologia. Dois anos antes de se retirar do ensino da antropologia na Faculdade de Ciências foi ainda criada a cadeira de paleoantropologia que teve Maria Cristina Neto como assistente. Apesar da sua investigação ter estado mais vocacionada para aspectos antropológicos dos povos nativos de Angola, Maria Emília de Castro e Almeida trabalhou, ainda que irregularmente, em osteologia humana com a colecção Ferraz

de Macedo. Em 1954, possivelmente sob a orientação de Barbosa Sueiro, realizou um trabalho sobre a forma do crânio utilizando para tal a colecção Ferraz de Macedo (Almeida, 1954). Mais tarde, como assistente da Faculdade de Ciências, publicou com Georges Olivier um estudo sobre a relação entre a forma do crânio e a tuberculose (Olivier & Almeida, 1972, 1975) e com Claude Masset um método para estimar a idade à morte em adultos com base nas suturas ectocranianas (Almeida & Masset, 1982; Masset & Almeida, 1990). Ao contrário de Barbosa Sueiro, alguns dos alunos de Maria Emília de Castro e Almeida permaneceram no Museu Bocage e deram continuidade a alguns estudos em antropologia que se tinham aí iniciado. Este período da história do Museu Bocage teve, no entanto, um fim abrupto com o incêndio que destruiu quase na totalidade o edifício da Faculdade de Ciências na Rua da Escola Politécnica, a 18 de Março de 1978.

A ANTROPOLOGIA NO MUSEU BOCAGE DESDE 1978

Com o incêndio foram destruídas as salas de exposição, a biblioteca, os gabinetes dos naturalistas e quase todas as colecções. Dado que, na prática o Museu Bocage foi a estrutura de suporte do ensino e da investigação em zoologia e antropologia biológica da Faculdade de Ciências até 1985³, o incêndio representou um duro golpe para a actividade científica e pedagógica dos docentes. Com a perda da maior parte das colecções e do arquivo histórico, perdeu-se um espólio de elevado valor que empobreceria a cultura científica nacional. De entre as colecções destruídas conta-se a colecção Ferraz de Macedo. Sobreviveram, no entanto, alguns crânios desta colecção e o livro de medidas craniométricas elaborado por Ferraz de Macedo, que se encontrava no cofre do arquivo histórico. Este livro contém ainda material inédito e de grande valor, tendo recentemente sido verificadas as informações biográficas nele contido. Luís Lopes e Maria Cristina Neto foram os responsáveis pela verificação, tendo ainda adicionado nova informação ao livro, como seja a naturalidade e a causa da morte dos indivíduos nele mensurados. Os crânios sobreviventes ainda se encontram identificados pois conservam a marcação original de Ferraz de Macedo, podendo assim ser assim localizados nas entradas do livro de medidas. O incêndio poupou ainda uma grande colecção de moldes vários de crânios, de entre os quais se encontram vários modelos de fósseis, primatas não humanos e exemplares patológicos. Em relação ao restante espólio da antropologia, não é possível saber

³ Em 1985 a Faculdade de Ciências de Lisboa foi transferida para a Cidade Universitária, e o espaço que o Departamento de Zoologia e Antropologia ocupava no Edifício da antiga Escola Politécnica foi integrado no Museu Bocage.

com exactidão que outras colecções existiriam, uma vez que foram destruídas assim como os seus eventuais inventários. A única fonte de informação disponível assenta na memória de alguns dos docentes, investigadores e funcionários ou em escassos espécimes sobreviventes. Destes contam-se dois esqueletos montados de chimpanzé e alguns crânios de primatas não humanos, que podem ter feito parte de uma colecção osteológica de primatas mais extensa. A colecção de primatas incluía ainda peles e exemplares embalsamados e naturazilados, possivelmente alguns ainda remanescentes de colheitas efectuadas por Capelo e Ivens e Serpa Pinto nos finais do século XIX. De entre os sobreviventes contam-se também alguns vestígios humanos provenientes de contexto arqueológico. Estes exemplares referem-se a alguns materiais osteológicos provenientes de um concheiro Mesolítico desconhecido, possivelmente remanescentes do material de *Muge* que Pereira da Costa estudou em 1865 e que se encontrava parcialmente em depósito na Escola Politécnica. Contam-se ainda alguns vestígios osteológicos do sítio Neolítico/Calcolítico de Leceia (Oeiras) e algumas referências a material proveniente de um cemitério arqueológico em Estoi no Algarve. Existe ainda referência a um outro espólio interessante e algo invulgar, nomeadamente duas cabeças mumificadas e tatuadas, possivelmente Maori na sua origem, elementos desaparecidos com o incêndio. Finalmente, é ainda de referir que sobreviveram ao incêndio as fichas antropométricas e somatológicas elaboradas durante a participação do Museu Bocage na Exposição do Mundo Português.

Depois da destruição da Colecção Ferraz de Macedo foi sentida a necessidade de restituir o Museu de uma colecção do mesmo género. Esse processo foi iniciado em 1981 por Luís Alves Lopes e viria a culminar num espólio antropológico que hoje se pode considerar largamente superior à própria Colecção Ferraz de Macedo. Para a recolha de material osteológico dos cemitérios de Lisboa, o Museu Bocage fez uso do precedente aberto por Ferraz de Macedo em 1882. O processo foi, no entanto, moroso e só depois de várias reiterações junto da Câmara Municipal de Lisboa é que se deu início à recolha do material osteológico nos cemitérios em meados dos anos 80. As diligências iniciais junto da Câmara Municipal de Lisboa beneficiaram da contribuição valiosa de Maria Cristina Neto, investigadora do Centro de Antropobiologia do Instituto de Investigação Científica Tropical. Depois de ter desempenhado funções docentes no departamento de zoologia e antropologia da FCUL por alguns anos, Luís Lopes foi destacado em 1989 para o Museu Bocage como técnico superior, para aí se dedicar à colecção osteológica que estava a constituir. O processo sofreu, no entanto, uma importante interrupção em 1991, com a reforma antecipada das funções que exercia. Apesar da sua aposentação, tem continuado a dedicar-se a título pessoal a estudos antropológicos, nomeadamente de material osteológico humano em contexto arqueológico (e.g. Lopes & Neto, 1999). No Museu o processo de conservação da colecção ainda teve continuidade mas

sofreu um processo de desaceleração rápida depois de algum tempo e desde 1991 deixou de existir qualquer antropólogo nos quadros deste Museu. Na Faculdade de Ciências, a cadeira de paleoantropologia foi extinta com a transferência da Faculdade para a Cidade Universitária e a cadeira de antropologia continuou a ser leccionada por António Piedade.

Actualmente, a colecção de esqueletos identificados, que foi iniciada por Luís Lopes, é constituída por mais de 1700 esqueletos⁴, encontrando-se ainda em expansão. A maior parte da colecção foi recolhida entre meados dos anos oitenta e 1991, mas o processo de recolha foi re-iniciado em 2001, tendo-se efectuado novas recolhas em 2001, 2003 e 2004 sob orientação do autor. Em termos de extensão esta colecção é comparável, e em alguns casos mesmo superior, a outras de importância internacional como seja a colecção de Coimbra (Fernandes, 1985), a Hamman-Tood Collection ou a Terry Collection (Hunt & Albanese, 2005) nos Estados Unidos, a Raymond Dart Collection (Saunders & DeVito, 1991) na África do Sul ou a Spitalfields Collection em Londres (Molleson et al., 1993). A sua importância reside ainda na qualidade e quantidade da informação documental que a ela está associada e no elevado número de esqueletos de crianças e adolescentes, que ultrapassa a centena. Dado que este tipo de material é raro, apenas duas outras colecções conhecidas são comparáveis em número de esqueletos de não adultos. Elas são a colecção de Spitalfields (Molleson et al., 1993) e a de Bolonha (Veschi & Facchini, 2002). A finalidade mais importante deste tipo de colecções reside no facto de, dado que os esqueletos que nela estão contidos serem identificados, o antropólogo que os estuda pode comparar directamente a informação que retira do material osteológico com atributos biológicos conhecidos como o sexo, a idade ou a causa de morte, ou com o contexto histórico em que eles se encontram, dado serem de origem tão recente. Com este tipo de colecções é possível desenvolver métodos e abordagens que permitem ao antropólogo obter de esqueletos, recuperados em contexto arqueológico ou forense, informação essencial que permita a reconstrução da vida desses indivíduos.

A colecção do Museu Bocage manteve-se, no entanto, numa relativa obscuridade desde a sua constituição até sensivelmente aos finais dos anos 90. Durante esse período foi visitada por alguns investigadores ingleses (McLaughlin, 1990) e catalães (Rissech, 2001), tendo servido já nessa altura como suporte para um manual de anatomia óssea do desenvolvimento que viria a ser publicado mais recentemente (Scheuer & Black, 2000). No entanto, foi só em 1998-99 que o primeiro estudo sistemático sobre a colecção foi realizado (Cardoso, 2000). Desde esse período têm sido vários os investigadores que se têm deslocado ao Museu Bocage para aí estu-

⁴ Para uma descrição mais detalhada desta colecção ver Cardoso (2006)

darem a colecção antropológica. De entre eles destacam-se alunos da Universidade de Coimbra e de Lisboa, da Universidade de Bordéus e Paris em França, da Universidade de Bradford em Inglaterra e da McMaster University em Hamilton no Canadá, que no Museu recolheram dados para teses de mestrado e doutoramento.

Desde o incêndio que o Museu aloja também duas colecções osteológicas provenientes de contexto arqueológico. A primeira corresponde sobretudo a material de ossário recuperado das várias capelas (primeira e segunda capelas da Epístola e primeira e segunda capelas do Evangelho) e da nave central da Igreja do Carmo em Lisboa. Esta série foi recuperada nos anos 80 com o auxílio de Luís Lopes e Maria Cristina Neto (Neto & Lopes, 1989) como colaboradores do Museu e ainda não foi alvo de nenhum estudo sistemático. A outra colecção apenas se encontra temporariamente depositada nas instalações do Museu, até se completar o seu estudo que é alvo de um projecto de colaboração entre o Museu, a Câmara Municipal de Leira e Maria Susana Garcia, assistente de antropologia no Instituto de Ciências Sociais e Políticas de Lisboa. Esta série corresponde ao espólio osteológico recuperado na intervenção arqueológica de emergência realizada em 2000 e 2001 na Praça Rodrigues Lobo, em Leira, local que contém no subsolo o cemitério medieval e moderno da cidade, correspondente ao adro da Igreja de S. Martinho (Filipe *et al.*, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do percurso irregular da antropologia biológica no Museu Bocage e do trágico incêndio que quase o destruiu, é inegável a sua contribuição para o desenvolvimento da disciplina em Portugal. As contribuições mais importantes desta instituição para a história da disciplina em Portugal assentam sobretudo em duas vertentes, sempre ligadas à osteologia humana. Por um lado, no património científico de elevado valor representado, primeiro pela Colecção Ferraz de Macedo e depois, pela recente colecção de esqueletos identificados. E por outro, na obra de dois antropólogos, António Aurélio da Costa Ferreira, mas particularmente Manuel Bernardo Barbosa Sueiro, certamente um dos mais prolíficos antropólogos Portugueses dos meados do século XX.

O potencial do Museu Bocage em contribuir para novos desenvolvimentos da antropologia biológica são imensos, tanto em termos nacionais como internacionais. Tal valor deve-se sobretudo à colecção de esqueletos identificados que constitui um património único e um laboratório científico com poucos paralelos no resto do mundo. Dada a importância da colecção, a sua conservação, preservação e a manutenção do seu acesso à comunidade científica deveria constituir uma prioridade. Apesar de uma longa estagnação na investigação antropológica, o Museu Bocage

tem assistido mais recentemente ao um aumento no interesse de vários estudantes sobre questões de biologia do esqueleto que tem levado à melhoria das condições do laboratório de antropologia e a uma re-abertura do espaço do Museu para o estudo das colecções. Igualmente, tem-se verificado um aumento do interesse institucional na colecção, comprovado pelo início do processo de expansão da mesma e de maior preocupação pela sua conservação. No entanto, o Museu Bocage enfrenta, actualmente, uma grave carência de pessoal e meios para uma correcta conservação da colecção e acessibilidade adequada ao seu estudo. Dadas as características da colecção, nomeadamente a sua extensão, qualidade da informação documental e elevado número de esqueletos infantis, não será de surpreender um aumento no número de pedidos de autorização para o seu estudo, que irá certamente agudizar a necessidade de pessoal, espaço e meios. No futuro, espera-se, no entanto, que os problemas possam ser ultrapassados e que o Museu Bocage se possa estabelecer como centro nacional de excelência em investigação antropológica.

AGRADECIMENTOS

Pelo seu contributo, o autor gostaria de agradecer às seguintes pessoas: Luís Lopes (ex-técnico superior do Museu Bocage), José Fernando Pereira (ex-responsável pelo Arquivo Histórico do Museu Bocage), José de Almeida Fernandes (ex-naturalista do Museu Bocage), Válder Rebelo (Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada), Carlos Almaça (ex-director do Museu Bocage e professor jubilado da Faculdade de Ciências de Lisboa), Maria Cristina Neto (Investigadora do Centro de Antropobiologia do Instituto de Investigação Tropical), Vitor Rosado Marques (Investigador do Centro de Antropobiologia do Instituto de Investigação Tropical), Maria Augusta Antunes (Assistente do Departamento de Biologia Animal da Faculdade de Ciências de Lisboa) e António Piedade (Assistente Convocado do Departamento de Biologia Animal da Faculdade de Ciências de Lisboa). E ainda ao departamento de pessoal da Universidade de Lisboa o acesso a importante informação sobre professores já falecidos.

A realização deste trabalho foi possível com o apoio financeiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/4917/2001).

BIBLIOGRAFIA

- ALMAÇA, C. (1995). *Uma Controvérsia Antropológica de 1881 (Oliveira Martins e Eduardo Burnay)*. Museu Bocage, Lisboa.
- ALMAÇA, C. (2000). *Museu Bocage. Ensino e Investigação*. Museu Bocage, Lisboa.
- ALMAÇA, C. (2001). Manuel Bernardo Barbosa Sueiro (1894-1974): Ensino e Investigação em Antropologia Física. In: Simões, A. (coord.). *Memórias de Professores Cientistas*. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa. Pp. 34-37.
- ALMEIDA, M. E. C. (1954). Contribuição para o Estudo da Fenozigia e Criptozigia. *Arquivos do Museu Bocage* 25: 89-172.

- ALMEIDA, M. E. C. & MASSET, C. (1982). Détermination de l'Âge par les Sutures Crâniennes. *Garcia de Orta, Série de Antropobiologia* 1: 35-46.
- ARRUDA, L. M. (1994). Comentários e Notas à Obra Científica de Arruda Furtado. In: Almaça, C. (coord.) *Professor Germano da Fonseca Sacarrão*. Museu Bocage, Lisboa. Pp. 353-376.
- BURNAY, E. (1880). *Da Craneologia como base de Classificação Anthropologica*. Imprensa da Universidade, Coimbra.
- CARDOSO, A. F. (1897). O Indigena de Satary; Estudo Anthropologico. *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* 5: 7-19
- CARDOSO, A. F. (1898). Anthropologia do povo portuguez. O Minhoto d' entre Cavado e Âncora. *Portugália* 1: 23-59.
- CARDOSO, H. F. V. (2000). *Dimorfismo Sexual na Estatura, Dimensões e Proporções dos Ossos Longos dos Membros: O Caso de uma Amostra Portuguesa dos Séculos XIX-XX*. Tese de Mestrado em Evolução Humana. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- CARDOSO, H. F. V. (2006). Brief Communication: The Collection of Identified Human Skeletons Housed at the Bocage Museum (National Museum of Natural History) in Lisbon, Portugal. *American Journal of Physical Anthropology* 129: 173-176.
- COSTA, F. A. P. (1865). *Da Existência do Homem em Epochas Remotas no Vale do Tejo: Notícia sobre os Esqueletos Humanos Descobertos no Cabeço da Arruda*. Imprensa Nacional, Lisboa.
- CUNHA, A. X. (1982). Contribution à l'Histoire de l'Anthropologie Physique au Portugal. *Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa* 11.
- CUNHA, P. J. (1937). *A Escola Politécnica de Lisboa: Breve Notícia Histórica*. Faculdade de Ciências de Lisboa, Lisboa.
- FERNANDES M. T. M. (1985). Coleções Osteológicas. In: Instituto de Antropologia de Coimbra (ed.). *Cem Anos de Antropologia em Coimbra*. Instituto de Antropologia de Coimbra, Coimbra. Pp. 77-81.
- FERREIRA, A. A. C. (1899). Crânios Portuguezes: Da Influência da Idade na Capacidade do Cranio. *O Instituto* 46: 917-923.
- FERREIRA, A. A. C. (1900a). Crânios Portuguezes: Variações Sexuaes da Capacidade. *O Instituto* 47: 85-95.
- FERREIRA, A. A. C. (1900b). Crânios Portuguezes: Variações Ethnicas da Capacidade. *O Instituto* 47: 337-346.
- FERREIRA, A. A. C. (1908). *O Anthropologista Ferraz de Macedo. Apontamentos para a História da sua Vida e da sua Obra*. Typographia A Editora, Lisboa.
- FERREIRA, A. A. C. (1912). *Os Ossos de Camões: Tentativa de uma Investigação Anthropologica*. Tipografia Universal, Lisboa.
- FERREIRA, A. A. C. (1915). Note sur Deux Crânes Métopiques de la Collection Ferraz de Macedo. *Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles* 7: 1-4.
- FERREIRA, A. A. C. (1920a). Sobre o Eurygnatismo de alguns Crânios do Minho da Colecção Ferraz de Macedo. *Separata do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* 12: 8p.
- FERREIRA, A. A. C. (1920b). *Algumas Lições de Psicologia e Pedologia*. Lumen, Lisboa.
- FERREIRA, A. A. C. (1922). *História Natural da Criança*. Instituto Médico-Pedagógico, Lisboa.
- FERREIRA, J. B.; COSTA, F. F. V. & BACELAR, A. (1922). Sobre o Índice Condiliano como Determinante Sexual do Crânio. *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* 1(4): 221-228.
- FILIFE, I.; BRAZUNA, S.; MATOS, V. & FREITAS, J. (2003). Necrópole de S. Martinho: Análise Preliminar dos Dados Arqueológicos e Antropológicos. *Revista Era Arqueologia* 5: 55-79.

- FONTES, V. (1923). Notas Bio-bibliográficas sobre o Dr. António Aurélio da Costa Ferreira. *Arquivo de Anatomia e Antropologia* 8: 181-214.
- FURTADO, F. A. (1881). *O Homem e o Macaco*. Ponta Delgada.
- FURTADO, F. A. (1884). *Materiaes para o Estudo Anthropologico dos Povos Açorianos. Observações sobre o Povo Michaelense*. Ponta Delgada.
- HUNT, D. & ALBANESE, J. (2005). The History and Demographic Profile of the Robert J. Terry Anatomical Collection. *American Journal of Physical Anthropology* 127: 406-417.
- JANEIRA, A. L. (1987). *Sistemas Epistémicos e Ciências. Do Noviciado da Cotovia à Faculdade de Ciências de Lisboa*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa.
- JORGE, A. R. & SUEIRO, M. B. B. (1942). Registo Somatológico e Somatométrico adoptado pelo Museu Bocage no Estudo dos Indígenas do Ultramar (Exposição do Mundo Português – Lisboa, 1940). *Arquivos do Museu Bocage* 13.
- LOPES, L. A. & NETO, M. C. (1999). Nota sobre Alguns Aspectos Antropológicos dos Restos Humanos Exumados na Igreja do Antigo Convento do Carmo de Lisboa. *Arqueologia e História* 51: 205-218.
- MACEDO, F. F. (1882a). *Varios Ensinamentos e Methodo Scientifico Natural*. Imprensa Nacional, Lisboa.
- MACEDO, F. F. (1882b). *O Homem Quaternário e as Civilizações Prehistoricas da America*. Lisboa.
- MACEDO, F. F. (1887). Quadros Anthropologicos. In: *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Vol. II*. Lisboa. Pp. 492-494.
- MACEDO, F. F. (1888). Tableau des Degrés de Complication et de Soudure de la Suture Sagittale, sur 1000 Crânes Portugais Contemporains. In: *Dictionnaire des Sciences Anthropologiques. Vol. II*. Paris. Pp. 1031.
- MACEDO, F. F. (1892). *Crime et Criminel: Essay Synthetique*. Imprensa Nacional, Lisboa.
- MACEDO, F. F. (1893). *Luzitanos e Romanos em Villa Franca de Xira: Investigação Geologica, Archeologica e Anthropologica de Objectos Antigos e de Historia Natural Humana*. Imprensa Nacional, Lisboa.
- MACEDO, F. F. (1900a). Elementos Elucidativos sobre a Relação dos Índices Cephalicos e da Estatura com a Capacidade Craneana. *O Instituto* 47: 552-566.
- MACEDO, F. F. (1900b). *Bosquejos de Anthropologia Criminal: Relatório Apresentado ao Exmº Sr. Ministro dos Negócios do Eclisiásticos e de Justiça*. Imprensa Nacional, Lisboa.
- MACLAUGHLIN, S. M. (1990). Epiphyseal Fusion at the Sternal End of the Clavicle in a Modern Portuguese Skeletal Sample. *Antropologia Portuguesa* 8: 59-68.
- MASSET C. & ALMEIDA M. E. C. (1990). Âge et Sutures Crâniennes. *Proceedings of the Mediterranean Academy of Sciences* 5: 5-276.
- MENDES, J. C. (1965). Jubilou-se o Professor Barbosa Soeiro. *Arquivo de Anatomia e Antropologia* 33 (separata).
- MOLLESON, T.; COX, M.; WALDRON, A. H.; WHITTAKER, D. K. (1993). *The Spitalfields Project. Volume 2: The Anthropology: The Middling Sort*. Council for British Archaeology, York.
- MOURA, M. (1999). Em Memória de Barbosa Sueiro. *Boletim da Sociedade de Geografia* 117: 139-153.
- NETO, M. C. & LOPES, L. (1989). Algumas Considerações sobre os Achados Ósseos da 2.ª Capela da Epístola da Igreja do Convento do Carmo de Lisboa. In: *Comemoração dos 600 anos da Fundação do Convento do Carmo em Lisboa. Actas do Colóquio Comemorativo*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa. Pp. 149-153.

- OLIVEIRA, F. P. (1881). *Anthropologia Prehistórica. As Raças dos Kjoekkenmoeddings de Mugem*. Lisboa, Typografia Popular.
- OLIVEIRA, F. P. (1888). Notes sur les Ossements Humains Existants dans le Musée de la Commission des Travaux Géologiques. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal* 2: 1-13.
- OLIVEIRA, F. P. (1889). Antiquités Préhistoriques et Romaines des Environs de Cascais. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal* 2: 82-108.
- OLIVEIRA, A. (1997). O Contributo da Antropologia Física em Portugal como Ciência Inter e Transdisciplinar – Uma Possível Síntese Histórica até Finais do Século XIX. *Revista de Guimarães* 107: 243-283.
- OLIVIER, G. & ALMEIDA, M. E. C. (1972). Forme du Crâne et Mortalité Différentielle par Tuberculose. *L'Anthropologie* 76(5-6): 471-499.
- OLIVIER, G. & ALMEIDA, M. E. C. (1975). Skull Form and Differential Mortality by Tuberculosis. *Journal of Human Evolution* 4: 491-495.
- RISSECH, C. (2001). *Anàlisi del Creixement del Coxal a partir de Material Ossi i les Seves Aplicacions en la Medicina Forense i Antropologia*. Tese de doutoramento. Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona.
- SACARRÃO, G. F. (1989). *Biologia e Sociedade*. Publicações Europa-América, Lisboa.
- SACARRÃO, G. F. (1991). *Ecologia e Biologia do Ambiente*. Publicações Europa-América, Lisboa.
- SANTOS, A. L. (1999/2000). Os Caminhos da Paleopatologia – Passado e Desafios. *Antropologia Portuguesa* 16/17: 161-184.
- SAUNDERS S. R., DEVITO C. (1991). Subadult Skeletons in the Raymond Dart Anatomical Collection: Research Potential. *Human Evolution* 6: 421-434.
- SCHUEER, L. & MCLAUGHLIN-BLACK, S. (2000). *Developmental Juvenile Osteology*. Academic Press Inc., New York.
- SERRA, J. A. (1938). A Pelve nos Portugueses. Morfologia da Pelve no Homem. *Revista da Faculdade de Ciências de Coimbra* 7: 61-234.
- SERRA, J. A. (1941). O esterno nos Portugueses. Caracteres Métricos e Morfológicos do Esterno no Homem. *Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa* 9: 33-159.
- SERRA, J. A. (1965). *Modern Genetics*. Academic Press, London.
- SUEIRO, M. B. B. (1926). Nota sobre a Frequência de Algumas Variações do Ráquis Humano. *Arquivo de Anatomia e Antropologia* 10: 237-250.
- SUEIRO, M. B. B. (1930). Note sur la Basalité du Sacrum chez les Portugais. *Arquivo de Anatomia e Antropologia* 13: 586-589.
- SUEIRO, M. B. B. (1945). Fenoziogia e Criptozigia: Sua Importância Antropológica. *Arquivos do Museu Bocage* 16: 137-141.
- Sueiro, M. B. B. (1950). *Curriculum Vitae (1914-1950)*. Lisboa.
- SUEIRO, M. B. B. (1967). Prefácio. In: Heberer, G.; Kurth, G. & Schwidetzky-Rosing, I. *Enciclopédia Meridiano Fischer Vol. 6 – Antropologia*. Editora Meridiano, Lisboa. Pp. 11-21.
- SUEIRO, M. B. B. & FERNANDES, A. M. V. (1936-37). O Índice Cnémico nas Tíbias dos Indivíduos Novos. *Arquivo de Anatomia e Antropologia* 18: 459-473.
- SUEIRO, M. B. B. & FERNANDES, A. M. V. (1948-49). Sobre a Significação Antropológica do Índice Cnémico da Tibia. *Arquivo de Anatomia e Antropologia* 26: 227-253.
- SUEIRO, M. B. B. & VILELA, H. (1943). Estudo do Prognatismo em Cabeças Ósseas de Portugueses Adultos do Século XIX. *Arquivos do Museu Bocage* 14: 11-24.

- SUEIRO, M. B. B. & VILELA, H. (1945). Sobre of Prognatismo em Cabeças Ósseas Humanas Desdentadas. *Arquivos do Museu Bocage* 16: 119-128.
- TAMAGNINI, E. & SERRA, J. A. (1942). *Subsídios para a História da Antropologia Portuguesa*. Bertrand (Irmãos) Lda., Lisboa.
- VESCHI, S. & FACCHINI, F. (2002). Recherches sur la Collection d'Enfants et d'Adolescents d'Âge et de Sexe Connus de Bologne (Italie): Diagnose de l'Âge sur la Base du Degré de Maturation Osseuse. *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris* 14: 263-294.
- VICENTE, L. (2001). José Antunes Serra (1914-1990): A Fascinante Aventura da Genética. In: Simões, A. (coord.). *Memórias de Professores Cientistas*. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa. Pp. 112-119.